

Produção da indústria gaúcha caiu em 5 dos últimos 6 meses

Na comparação interanual, a indústria do Rio Grande do Sul tem enfrentado dificuldades para crescer desde o início do segundo semestre do ano passado.

Detalhando alguns pontos para a inflação nos próximos meses

Exportações industriais do RS iniciaram o ano com alta de 42% no 1º tri

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Produção da indústria gaúcha caiu em 5 dos últimos 6 meses

Na comparação interanual, a indústria do Rio Grande do Sul tem enfrentado dificuldades para crescer desde o início do segundo semestre do ano passado.

A produção industrial gaúcha ficou estável na passagem de janeiro para fevereiro de 2022, na série com ajuste sazonal, mantendo-se 2,1% acima do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020), conforme divulgado pelo IBGE. A produção brasileira cresceu 0,7% no período.

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a produção industrial gaúcha recuou pelo terceiro mês seguido: -3,3% em fevereiro (-4,3% no Brasil). Foi a quinta queda nos últimos seis meses, puxada por Couros e calçados (-15,9%), Veículos automotores (-9,4%), Refino de petróleo e biocombustíveis (-20,1%) e Borracha e plásticos (-13,8%).

Com esse resultado, a produção industrial gaúcha acumulou queda de 4,8% no primeiro bimestre de 2022 comparativamente ao período equivalente do ano passado, resultado menos ruim que o do Brasil (-5,8%), mas apenas o nono no *ranking* entre os 14 estados pesquisados. Os melhores desempenhos foram observados em Mato Grosso (+26,5%), Espírito Santo (+3,6%) e Amazonas (+3,4%). A produção no RS caiu menos que a de São Paulo (-7,3%) e a de Santa Catarina (-8,0%) e recuou mais que a do Paraná (-2,7%), a de Minas Gerais (-4,4%) e a do Rio de Janeiro (+2,1%).

Entre os 14 setores pesquisados no estado, ainda no acumulado do primeiro bimestre de 2022 ante igual período de 2021, a produção industrial caiu em sete, cresceu em seis e ficou estável em um. Os maiores impactos negativos vieram de Couros e calçados (-18,7%), Veículos automotores (-7,9%) e Produtos de metal (-9,6%).

Acompanhando a evolução do índice da produção física da indústria do RS ao longo dos últimos meses (primeiro gráfico ao lado), observa-se que o forte crescimento apresentado no ano passado (+8,7% em 2021 na comparação com 2020), foi gerado pelos resultados do primeiro semestre do ano. Além disso, o nível de produção, embora esteja 2,1% acima do pré-pandemia, permanece 11,5% abaixo do nível de 2013.

Apesar do otimismo mostrado pelo industrial gaúcho nas Sondagens Industriais e no ICEI/RS, a inflação começa a mostrar a sua face mais perversa, quando a capacidade de repasse se esvai e as quantidades demandadas diminuem. Enquanto a demanda avança, os aumentos de custos de produção são repassados para os consumidores, sejam eles consumidores finais ou outras indústrias e serviços. Na medida em que a demanda desacelera, os preços de vendas são comprimidos pelos custos. Chega-se a um ponto em que mesmo com compressão total da margem de lucro, o preço ofertado não encontra uma demanda suficientemente grande para que as quantidades

produzidas continuem as mesmas. Para evitar a geração de estoques indesejados ou ter que vender a produção com prejuízo, as indústrias reduzem a quantidade fabricada. Essa é a face recessiva do processo inflacionário. Ainda que os valores numéricos aumentem, as quantidades físicas de produção e emprego tendem a diminuir caso o processo persista.

Infelizmente, as perspectivas são de continuidade de desaceleração. Em menos de um ano, a taxa básica de juros no Brasil saiu de 2% a.a. para 11,75% a.a. (maior patamar em 5 anos), sendo que os efeitos dessa sobre os investimentos e consumo tem uma defasagem de cerca de 5 meses. Dessa forma, os custos em termos de recessão para o combate a inflação ainda persistirão ao longo de todo 2022.

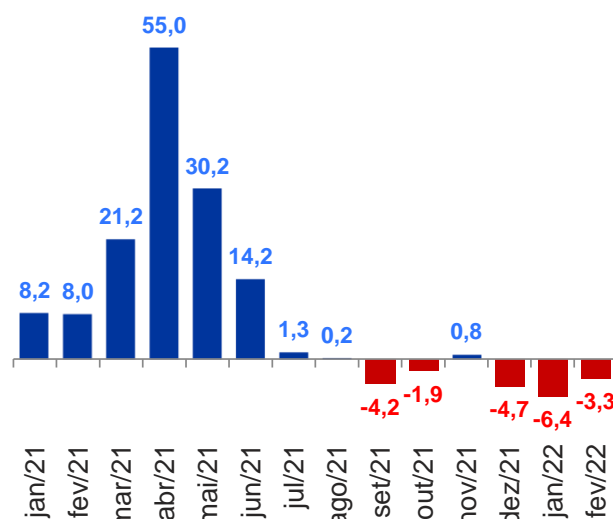
Produção industrial – RS



Fonte: PIM/IBGE.

Produção industrial – RS

(Var. % contra mesmo período ano anterior)



Fonte: PIM/IBGE.

Detalhando alguns pontos para a inflação nos próximos meses

O IPCA de março, divulgado na sexta-feira, ficou em 1,62%, acima das previsões mais pessimistas e o maior para o mês desde 1994. Em 12 meses, a taxa acumulada alcançou 11,3%, o maior nível desde nov/2003. O indicador está há 7 meses acima de 10%, e subiu 3,2% apenas no 1ºT/22. A meta do BC é de 3,5%.

O aumento de março foi concentrado em combustíveis (0,44 p.p.), e alimentação no domicílio (0,47 p.p.). A inflação do mês ainda mostrou os preços industriais em níveis muito elevados, indicando persistência dos problemas globais de falta de peças e entraves logísticos. A média dos núcleos foi bastante elevada, em 0,98%, e o índice de difusão, que mostra o percentual de itens em alta no mês, ficou em 76,1%, o mais alto desde fev/16. Além disso, a parte inercial da inflação, localizada nos serviços subjacentes, avançou 0,78% em março, acumulando 6,98% em 12 meses. Essa parte do índice tende a se movimentar mais devagar, tanto na subida, como na queda. Serviços rodando em patamares elevados pode ser um risco grave para novo rompimento da meta no ano que vem.

Apesar dos indicadores correntes apontarem para inflação pressionada no curto prazo, é esperada uma desaceleração nos próximos meses, pois em abril já virá a bandeira verde na eletricidade. Esse efeito deverá equilibrar com a alta da gasolina do meio de março e irá repercutir sobre o índice em maio e junho. A redução do gás de cozinha também irá contribuir para a acomodação da leitura de abril. Além desses fatores, a apreciação do Real, se mantida, também irá ajudar a segurar o índice. Estima-se que uma apreciação cambial permanente em 10% reduz a inflação em 0,8 p.p. em um ano. Mas a pergunta é se a apreciação recente será interrompida com os juros nos EUA subindo.

Exportações industriais do RS iniciaram o ano com alta de 42% no 1º tri

As exportações industriais do RS somaram US\$ 3,9 bilhões no 1ºT/22, sendo esse valor 42,3% maior em comparação ao mesmo trimestre do ano passado, quando totalizaram US\$ 2,7 bi.

A expansão trimestral das exportações industriais foi disseminada nesse início de 2022: 21 dos 24 setores avançaram ante o mesmo trimestre de 2021. Os destaques positivos, pela contribuição dada ao resultado global, ficaram por conta dos desempenhos da indústria de Alimentos (+52,2%), na qual as vendas de proteína animal e de óleo e farelo de soja seguiram acima dos níveis históricos, e pelos incrementos nas vendas de Tabaco (+37,6%), Químicos (+55,0%), Máq. e equip. (+39,0%), Couro e calçados (+32,0%) e Veículos automotores (+41,7%). Entre os recuos mais relevantes, estão as vendas de carne suína para a China (-59,0%).

Os resultados do trimestre mostram uma continuidade da recuperação das vendas industriais na esteira da demanda externa aquecida, mesmo após a trajetória positiva do ano passado, que ocorreu, sobretudo, à baixa base de comparação do ano de 2020.

Olhando alguns meses na frente, já se vê alguns sinais dos efeitos da política monetária em curso: a queda do crédito para as famílias, combinado com a perda real dos salários e o elevado nível de endividamento, já tem provocado alguma acomodação nos índices de consumo. Outro fator é a boa perspectiva para a safra de grãos no país, deverá crescer em 5,4%. Parte dessa melhor oferta já irá contribuir na redução dos preços dos alimentos a partir de agosto.

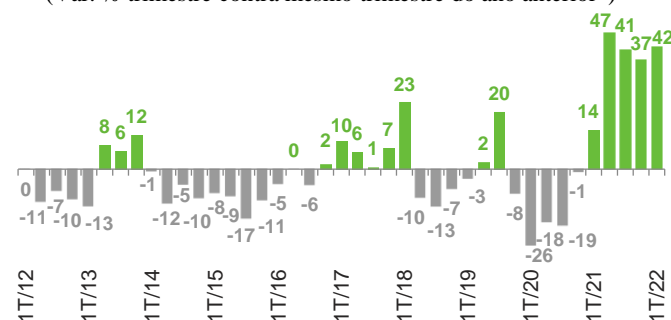
Ainda assim, esse quadro de inflação mais persistente, mesmo incorporando o alívio à frente, continua desafiador para a política monetária nos próximos meses. Segundo a última Ata do Copom, a intenção é que o BC eleve a Selic para 12,75% em maio, e encerre o ciclo de alta iniciado em mar/21, quando a taxa estava em 2% (um choque contracionista em mais de 10 p.p. em menos de um ano). Mas, com uma inflação tão alta, cresce a possibilidade dos juros subirem mais do que pretendia o BC.

Assim, além da alta em maio, esperamos uma elevação de 0,5 p.p. em junho, o que levaria a Selic a 13,25%. A razão para esse movimento adicional se dá, principalmente, pelo pano de fundo desafiador em torno da inflação desse ano, na qual mantivemos projetada em 7,1%, mas que ainda possui uma lista de ventos contra que nos fazem vislumbrar uma inflação acima de 8% esse ano, entre eles: a atividade segue aquecida na esteira da reabertura; há novos choques externos em curso (*lockdowns* na China); os problemas de oferta na indústria se estenderão para 2023; existe uma enorme distorção de preços relativos entre produtor e consumidor; e, por fim, as eleições à frente, que trazem volatilidade cambial. Tudo isso sem contar os impactos de potenciais reajustes salariais sobre a economia.

Nos próximos meses, todavia, os setores exportadores da indústria gaúcha deverão experimentar taxas de crescimento menores em razão à forte base de comparação de 2021, mas ainda acima dos níveis usuais. Há risco de um cenário mais desfavorável por conta dos efeitos negativos da guerra na Ucrânia sobre os custos de produção global e mais adiante, as exportações também serão impactadas pelo menor crescimento mundial, causado pela elevação das taxas de juros nas economias avançadas.

Exportações Industriais do RS

(Var. % trimestre contra mesmo trimestre do ano anterior*)



Fonte: SECEX/ME. * Dados do 1ºT/12 até 1ºT/21.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	1,3	0,4	3,8	-0,2	2,2
Indústria	0,7	-0,7	-3,4	4,5	0,4
Serviços	2,1	1,5	-4,3	4,7	0,6
Total	1,8	1,2	-3,9	4,6	0,6
Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)					
Em R\$	7,004	7,389	7,468	8,679	9,347
Em US\$ ²	1,916	1,873	1,448	1,609	1,782
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	7,6	7,3	23,1	17,8	12,3
INPC	3,4	4,5	5,4	10,2	7,0
IPCA	3,7	4,3	4,5	10,1	7,1
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	0,0	-9,7	-3,4	1,1	1,2
Transformação	1,1	0,2	-4,6	4,3	1,9
Indústria Total³	1,0	-1,1	-4,5	3,9	1,5
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	2,2	13,0	36,6	140,9	25,6
Indústria	23,9	97,2	148,9	719,9	157,8
Indústria de Transformação	1,2	13,2	47,8	439,0	109,7
Construção	11,4	70,7	97,7	244,8	37,3
Extrativa e SIUP ⁴	11,2	13,3	3,5	36,2	10,8
Serviços	520,2	533,8	-377,0	1.869,8	430,4
Total	546,4	644,1	-191,5	2.730,6	613,8
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,7	11,1	14,2	11,1	10,5
Média do ano	12,4	12,0	13,8	13,2	11,4
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	231,9	221,1	209,2	280,4	295,9
Importações	185,3	185,9	158,8	219,4	226,4
Balança Comercial	46,6	35,2	50,4	61,0	69,5
Moeda e Juros					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	6,50	4,50	2,00	9,25	13,25
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ⁵	17,1	4,0	28,9	7,4	-0,5
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	3,87	4,03	5,20	5,58	5,55
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-1,6	-0,8	-9,4	0,8	-1,0
Juros Nominais	-5,4	-5,0	-4,2	-5,2	-6,5
Resultado Nominal	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público	52,8	54,7	62,5	57,3	62,3
Dívida Bruta do Governo Geral	75,3	74,4	88,6	80,3	83,1

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹ O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ² Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. ³ Não considera a Construção Civil e o SIUP. ⁴ SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. ⁵ Variação em relação ao final do período anterior.

Informações sobre as atualizações das projeções:

- Alteramos a projeção para a taxa Selic.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	-7,1	3,0	-29,5	67,5	-40,0
Indústria	2,8	0,2	-5,6	9,7	-1,4
Serviços	2,6	0,8	-4,6	4,1	0,5
Total	2,0	1,1	-6,8	10,4	-4,0
Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)					
Em R\$	457,294	482,464	480,173	582,968	599,384
Em US\$ ²	125,108	122,282	93,107	108,059	114,249
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	-1,4	-0,1	0,5	3,4	0,9
Indústria	1,5	-5,5	-0,2	47,5	9,2
Indústria de Transformação	0,9	-1,5	0,1	42,9	7,4
Construção	0,9	-4,0	-0,2	5,2	1,4
Extrativa e SIUP ³	-0,2	0,0	0,0	-0,7	0,4
Serviços	20,4	26,0	-42,9	89,4	19,0
Total	20,5	20,4	-42,5	140,3	29,2
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	7,5	7,3	8,6	8,1	7,6
Média do ano	8,2	8,1	9,3	8,7	8,1
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	21,0	17,3	14,1	21,1	22,4
Industriais	15,1	12,5	10,5	14,1	15,1
Importações	11,3	10,3	7,6	11,7	12,8
Balança Comercial	9,8	6,9	6,5	9,4	9,6
Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)					
	34,8	35,7	36,2	45,7	49,5
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	2,7	3,0	-3,1	8,7	1,6
Compras industriais	10,0	-2,7	-5,5	31,0	4,2
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	1,6	0,7	-4,6	5,7	0,3
Massa salarial real	-1,3	-0,8	-9,3	4,6	0,4
Emprego	0,9	0,0	-1,9	6,7	1,4
Horas trabalhadas na produção	0,0	-1,0	-5,7	15,1	3,3
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	2,6	0,1	-4,8	12,8	1,7
Produção Física Industrial⁴ (% a.a.)					
	5,9	2,5	-5,5	8,8	1,0

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹ O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ² Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. ³ SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. ⁴ Não considera a Construção Civil e o SIUP.

Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.